

BENGUELA

Sociedade ideal

HOJE é Domingo. A Palavra é sempre fonte de inspiração límpida para enfrentar e resolver problemas sérios da vida. O problema das crianças da rua está muito vivo. Diz respeito a toda a nação. O Estado e a sociedade civil devem andar de mãos dadas na busca de soluções. É uma obrigação do Estado, da Igreja e do Povo, todo o Povo. Quem dera apareçam corações feridos pela sorte dos filhos da rua!

Hoje é Domingo. A Palavra diz como viviam as primeiras comunidades cristãs, nascidas da Ressurreição. Eram à semelhança da família. No seio da comunidade os bens chegavam para todos. Verdadeiro comunismo sem ser marxista. É o modelo duma sociedade ideal em que o humanismo que lhe serve de suporte e de alma devia estar presente nas sociedades do nosso tempo, crentes e não crentes. A pessoa ocupa o primeiro lugar. Os bens têm, por natureza, uma missão social. Levo dentro de mim uma preocupação muito grande por causa do povo anónimo que não tem onde viver e onde morrer com dignidade.

Nos últimos dias, a televisão e os noticiários têm dado relevo à situação escandalosa em que o ser humano não pode descer mais fundo na miséria. É

uma vergonha para uma nação que se preza e para os membros da sociedade. Quem pode ficar insensível? São necessários passos concretos, imediatos, da parte dos primeiros responsáveis por esta catástrofe, em auxílio das dezenas de milhares de pessoas. Perante estes factos, quem tem a coragem de dizer que está no caminho certo? Meu Deus, até onde chega o coração perverso! Até onde chega a cegueira da mente, nascida do orgulho!

Perante este espectáculo, são possíveis duas atitudes: ou cruzar os braços como derrotados, ou reagir dando a vida, dia-a-dia, para que morram cada vez menos. A atitude digna do pai, da mãe, dos irmãos é dar a mão para arrancar da cadeia da miséria os que podem e querem salvar-se. Todo o homem que não tem coração de pai; a mulher que não tem coração de mãe; o filho que não tem coração de irmão — que são? Há uma atitude intolerável: a indiferença, causa das grandes ruínas. Se não é possível chegar directamente à população do Cuemba, de Camacupa, Catabola, na Província do Bié, que a sua imagem rasgue o nosso coração e fique a sangrar para que tenham vida os que nos rodeiam.

A propósito destas notas, falei duro aos nossos rapazes. Um deles deixou

no prato um pouco de arroz que seria lançado fora. Não pensou bem e não pude aceitar. O sentimento de revolta que se apodera de mim, diante das cenas indignas do povo faminto, crianças esqueléticas, manifesta-se, também, quando a comida é estragada por quem não tem fome. Falei duro. Não sei o que dizer do que se faz nos países da fartura. Vós, pais, falai aos vossos filhos. Como reagiriam os vossos filhos, no meio de crianças ou jovens como eles, nas condições em que vos falai? E vós, pais, teríeis coragem de gastar tanto dinheiro em coisas que não são precisas e vão alimentar o supérfluo da vossa vida? Deixai-vos interpelar pela verdade. Não estou a falar-vos de teorias que não levam a nada. É a realidade vivida. Tocai nela também e deixai-vos ferir.

Tive que interromper e sair ao infantiário, numa corrida. Que coisa linda, meus olhos viram! São dezenas de crianças, algumas ainda bebês, de caras tão belas como o rosto dos vossos filhos. Vale a pena! As mães fugiram da guerra e encontraram abrigo ao nosso lado. Olho para estes filhos e olho para as crianças do Cuemba e Camacupa e dá-me vontade de chorar por elas. Anda, deixa o vazio da tua vida; deita fora o supérfluo que te amarra e não te deixa caminhar, crescer e amadurecer. Se és pai ou mãe, ajuda os teus filhos a renunciar ao que é demais. Bem sei que é remar contra a maré. As pessoas são temperadas no esforço. Vale a pena!

Padre Manuel António.

O nosso Jornal

QUALQUER mexida no preço de capa d'O GAIATO, desde um escudo por que ele principiou, foi sempre assunto muito ponderado sobre as opiniões escutadas de quantos têm especial responsabilidade na sua edição. Não foram muitas ao longo dos cinquenta e sete anos cumpridos da sua existência e sempre as fizemos pressionados pela evolução dos custos e de acordo com a sensibilidade a este agravamento que os nossos Leitores manifestavam, dando espontaneamente pelo Jornal valores acima do seu preço de capa.

Esta vez a mexida não tem que ser pensada, senão obedecida à Portaria n.º 225/2001 de 19 de Março, que regulamenta o art.º 9.º, n.º 4 do Decreto-Lei n.º 56/2001 de 19 de Fevereiro, «referindo-se às assinaturas de publicações periódicas que, cumpridos os demais requisitos estabelecidos no referido diploma, pretendam beneficiar do regime de porte pago». Assim, conforme a «os preços mínimos agora fixados, como requisito essencial para aceder ao porte pago, em função da periodicidade das publicações», cabe às quinzenárias 1.500\$00 como valor anual da assinatura. Isto faz com que o preço de capa d'O GAIATO suba, a partir da presente edição, para sessenta escudos.

Ainda assim, não temos a resposta, preto no branco, a esta inquietação e movimentação, quer junto da Alta Autoridade para a Comunicação Social, quer do Instituto da Comunicação Social, a que nos submeteu o Decreto-Lei n.º 56/2001 que estabelece o Sistema de Incentivos do Estado à Comunicação Social.

O suspense do porte pago continua, não sei até quando, embora haja sinais de abertura e não unanimidade no meio dos poderes, que vão animando a esperança em toda aquela faixa da Comunicação Social visada pelo referido Decreto-Lei.

Padre Carlos

Malanje

Os deslocados

Vontem na televisão a reportagem sobre os deslocados do Bié — Angola.

As mesmas cenas, a mesma fome, as mesmas dores que, há tantos anos!, se repetem. Para quando a paz e com ela um pouco de luz nos olhos tristes das crianças?

Penso e revejo os milhares de deslocados que habitam perto da nossa Casa de Malanje. A maior parte, somente, uma refeição por dia. As casinhas são de adobes, capim e soalhos de terra batida. Nesta estendem as esteiras-luandos para o sono da noite. Não há compras nem despesa. Talvez venham umas folhas da lavra e haja um pouco de mandioca no saco. Ou, então, será milho torrado ao lume e mastigado lentamente...

Como é possível viver com tão pouco?!

Este pouco é dado pelas organizações internacionais. Nota-se já um certo cansaço no dar por causa duma guerra que não acaba. No Outubro semearam o milho. O milho secou porque não choveu. No Março choveu demais! A própria natureza fustiga também estes Pobres de Javé.

Em cada Domingo enche os caminhos da nossa Aldeia no seu andar ritmado e entra na igreja. Rezamos e cantamos. Na oração dos fiéis o catequista-chefe pede pela paz e pelos governantes!, e todos respondemos: «Ouvi-nos, Senhor!»

Rio turvo

Choveu, choveu...
O rio ficou turvo
e cresceu.
Extravasou as margens.



Grupo da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, que exprime alegria.

Um lago furioso
que corre em turbilhão
e arrasta lixos, flores e frutos:
Prepotente e cruel!
Poder e corrupção
são rio turvo,
que arrasta furioso
os que não têm voz.
A voz da chuva,
a voz do rio,
os Pobres sem voz!

A natureza amochada
sob o peso da torrente
não diz nada,
espera ansiosa
o sol da manhã!
Então vai falar!
Então vai gritar!
Estremecerão de pavor,
os verdugos da noite
na feliz madrugada.

Padre Telmo

TRIBUNA DE COIMBRA

Padre Horácio

FAZ no próximo dia 6 de Maio um ano que o nosso Padre Horácio faleceu. É uma data que nos traz saudade e suscita admiração. Desaparecido do nosso convívio, por força inevitável do desgaste dos anos que a morte consumou, fica-nos, porém, a certeza de que goza agora, para além deste cenário transitório, da paz dos justos. A sua vida foi uma entrega tipificada na dinâmica do Evangelho, sem rodeios: «... se o grão de trigo caído na terra não morrer, não pode dar fruto...» Acerca desta entrega humilde que tanto caracterizou a vida de Padre Horácio, na sua entrega total à Obra da Rua, bem podíamos parafrasear o pensamento de Pai Américo: «A humildade é a porta. Não há outra. Mortos, mortos, aparentemente mortos — olha o grão de trigo que morreu, e depois tanta flor, tanto fruto, tanta vida! Os que vão colher, os que vêem o fruto, os que colhem, os que se alimentam dele, os que passam, os que duvidam desse fruto! Que ocasionou isso tudo? A morte, a morte... Gosto desta morte porque espalha a vida!»

Queremos pois recordar Padre Horácio nesta mesma compreensão evangélica que Pai Américo tinha da vida, ao

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PÁSCOA — É costume, de longa data, convidarmos alguns Pobres a participarem na celebração de Quinta-Feira Santa e na ceia da comunidade. Sentámos cerca de vinte deles, limpos e arranjados, em uma mesa do refeitório.

Os Pobres gostam de estar connosco no dia em que recordamos a instituição do Sacramento da Eucaristia — que dá força à nossa fraqueza.

No molho dos convivas, além de sete viúvas estava o pai de um que já foi drogado e ora segue o bom caminho. A mulher dum alcoólico que já se recompôs. Outro dito, que precisaria de se defender do mal. Duas vítimas de trombose. E, ainda, outra viúva, qual *Madalena* que tinha meia dúzia de filhos e surge agora com mais outro porque, aliciada, não se pôde defender...!

VOZ DO PAPA — Em *Novo Milênio Ineunte*:

«No nosso tempo, de facto, são muitas as necessidades que interpelam a sensibilidade cristã. O nosso mundo começa o novo milênio carregado com as contradições dum crescimento económico, cultural e tecnológico que oferece a poucos afortunados grandes possibilidades e deixa milhões e milhões de pessoas não só à margem do progresso, mas a braços com condições de vida muito inferiores ao mínimo que é devido à dignidade humana. Como é possível que ainda haja, no nosso tempo, quem morra de fome, quem esteja condenado ao analfabetismo, quem viva privado dos cuidados médicos mais elementares,

quem não tenha uma casa onde abrigar-se? E o cenário da pobreza poderá ampliar-se indefinidamente, se às antigas pobreza acrescentarmos as novas que frequentemente atingem mesmo os ambientes e categorias dotados de recursos económicos, mas sujeitos ao desespero da falta de sentido, à tentação da droga, à solidão na velhice ou na doença, à marginalização ou à discriminação social.»

PARTILHA — Lisboa: Três mil, da assinante 35019 «para o almoço de Páscoa dum família protegida pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Dois mil, dum Leitora, do Porto: «Pequena migalha para o antigo encadernador com a mulher doente — li n' *O GAIATO* de 24 de Março». Este caso tocou os corações.

Rio Tinto: Cinco mil, do assinante 63290, «contribuição para a vossa causa. Assinalem simplesmente a recepção no vosso Jornal. Obrigado por existirem. E bem hajam!»

Dez mil, «para as amêndoas e o pão de ló dos mais carenciados. Mencionem apenas o meu número de assinante: 7769». Cumprimos.

Alcochete: Vinte mil, do assinante 10747 «destinados ao SOS do marido dum a doente com fractura de costelas».

Outra nota cristã, da assinante 7258, de Aveiro, com cinco mil: «Pequeno auxílio para dar um sorriso a uma criança pobre. Não precisam agradecer». Um convite na fronteira do postal ilustrado: «Faz da tua vida uma oferta!»

Porto: Assinante 14493 com vinte deles e «um pouco mais para as amêndoas e a minha contribuição de Março — enquanto Deus quiser».

Assinante 60788, do Porto: «Por doença não enviei, antes da Páscoa, este contributo (quinze mil) para amenizar as

carências às quais a vossa Conferência ajuda a resolver. O pequeno donativo é partilha de amor para os mais necessitados».

Monte Estoril: Dez mil, da assinante 66487 «para os que mais necessitam». Metade, da assinante 20631, de Leça do Balio, «com desejos de santa Páscoa». Eirol: Quinhentos, da assinante 39953 «para ajuda nos remédios. E Páscoa feliz».

Assinante 19914, de Bom Sucesso (Aveiro), que todos os anos aqui vem, e, de uma anónima, quatro mais dois contos.

Porto: Quinze mil, do assinante 19148, «como forma da minha renúncia quaresmal, que Deus aceitará na Sua Misericórdia, o pequeno donativo que mais uma vez gostaria que fosse aplicado em despesas da farmácia».

Assinante 28053, também do Porto, manda «apenas duas letrinhas com uma pequena lembrança (cinco mil). Será para minorar um pouco qualquer necessidade mais premente. Perdoai a insignificância».

Retribuímos os votos de santa Páscoa!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, *alc do Jornal O GAIATO*, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Os nossos Iniciados continuam em plena convivência com os clubes que praticam futebol a nível nacional. Desta vez, fomos a Lamego. Saímos de manhã, por volta das 9 h. Todo o itinerário foi maravilhoso. Logo que deixámos Amarante e nos encaminhamos em direcção a Mesão Frio, aumentava a beleza paisagística. Foi sempre assim até Lamego. Por mais de uma vez fomos obrigados a mudar de direcção por causa dos cortes de trânsito. O mau tempo tinha sido um pouco bravo e algumas estradas ficaram cortadas. Nem por isso os rapazes desanimaram e houve muita «galhofada». Em Lamego deparamos com os autocarros do nosso adversário: *Cracks de Lamego*. Demos uma curta volta para nos certificarmos melhor do local do jogo e dirigimo-nos à Senhora dos Remédios. Procurámos um sítio onde pudéssemos almoçar. Tínhamos levado o almoço, como sempre acontece. Estômagos cheios, os rapazes tiraram algumas fotos, outros visitaram o belo Santuário da Senhora dos Remédios.

Chegou a hora do desafio. Tudo bem organizado. Em campo, o adversário não nos deu um minuto de descanso. Quase todo o tempo estiveram em cima de nós. Apetecia-me dizer que foi um *sufoco*. Não havia maneira de pegarmos no jogo. Chegámos ao intervalo empatados a zero. Não estáva-

mos mal, mas... o nosso adversário estava melhor do que nós. No segundo tempo e depois de termos conversado um pouco no balneário, tudo fazia crer que ia ser diferente, para melhor. Mas não. A quinze minutos do final do encontro o *Cracks* fez 1-0. Foi como quem lançou fogo aos nossos rapazes. O «*Doutor*» que até ali parecia andar a dormir, e sobretudo depois de levar uma sacudidela com a chuteira do adversário, acordou e deu os dois golos a marcar. No final do desafio o resultado estava a nosso favor.

Depois de tomarem o respectivo banho, e tudo arrumado, os directores do *Cracks* levaram-nos para a Serra das Meadas. Que beleza! Fomos para o complexo turístico *Turiserra*, e deparamo-nos com um verdadeiro banquete! Estamos habituados a ser bem recebidos por toda a gente, mas nunca, nestas andanças, tínhamos sido servidos por empregados de *lacinho*! Apesar de não ser normal, os nossos rapazes não deram parte fraca...

No final, agradecemos aos directores do *Cracks* e a toda aquela gente. Regressámos a casa felizes, por tudo, mas, essencialmente, pela vitória e

por tudo ter corrido bem, graças a Deus.

Alberto («Resende»)

POMAR — Nasceram duas ninhadas de gansos: uma com cinco e outra com quatro deles; graças aos cuidados do «Capitão», do Paulo e do Samedo, nasceram, também, sete pintainhos garnisés.

BATATA — Vai em meio a sementeira que, este ano, se atrasou devido às muitas chuvas que caíram. Deus permita que a colheita seja farta.

CARAS NOVAS — Vieram mais dois irmãos de terras de Paiva: o Daniel e o Jorge. Já nos disseram que não têm saudades da sua terra...!

MÚSICA — Começam a aparecer muitos candidatos para aprender música. No entanto, precisamos de ir com calma!

COZINHA — Temos uma nova cozinheira, aqui em nossa Casa. Cozinha muito bem e, por isso, chegamos ao fim do dia muito satisfeitos.

José Miguel («Melão»)

FESTAS — Realizámos a primeira, deste ano, em que os pequenos e grandes «artistas» alegraram muitos Amigos presentes no salão paroquial de Paço de Sousa.

A máquina de fumo que a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo nos emprestou, foi a alegria dos «Batatinhas».

Outras datas:

- 11 de Maio, 21 h., Salão Paroquial de Rio Tinto.
- 12 de Maio, 21,30 h., Auditório do Padrão da Légua (junto à Igreja).
- 25 de Maio, 21,45 h., Salão Paroquial de Ermesinde.
- 26 de Maio, 21 h., Salão Paroquial de Valongo.
- 27 de Maio, 21 h., Salão dos Bombeiros Voluntários da Trofa.
- 08 de Junho, 21 h., Salão da Associação Nun'Álvares de Campanhã, Porto.
- 09 de Junho, 21 h., Centro Social e Cultural da Paróquia de Valbom, Gondomar.
- 10 de Junho, 17 h., Colégio de Santa Teresa de Jesus, Santo Tirso.

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Véspera de Quinta-Feira Santa, entrada de reflexão profunda sobre a Paixão e Morte do Salvador do Mundo.

Fomos fazer a nossa caminhada até àqueles que normalmente aguardam que chegue a visita de qualquer coisa que lhes alegre o coração.

Sabemos que não é só pela nossa visita, mas por qualquer coisa mais que costumamos

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Abril, 64.500 exemplares.

levar connosco. Como se aproximava a Festa, rainha de todas as outras festas, não podíamos passar sem levar as amêndoas e mais qualquer coisita para a ajuda do pão de ló. Ouvimos os seus desabaços, muitos deles repetidos, mas escutados com muita devoção e amor. Desta vez, porém, houve um que tocou fundo em nosso coração. A viúva, mãe do rapaz (homem) atrasado mental, chorou porque o filho se tinha apaixonado por uma colega ainda mais profunda do que ele, e que andava também no colégio. Preocupada, pois o filho já não é o mesmo e nem quer comer, pensa mandá-lo para outro colégio.

É certo que o filho desta mãe aflita, apesar de deficiente, também tem coração. Ora, nós sabemos que é dele que parte o amor.

Não fosse o amor que os apóstolos tinham a Jesus Cristo, a nossa Igreja não teria sido fundada. E foi esse amor que levou Cristo Jesus a dei-

xar-se pregar no madeiro da Cruz.

Foi também o amor ao Pobre, ao abandonado, que levou Pai Américo a deixar a sua vida de burguês e a dedicar-se somente a Deus e aos irmãos necessitados.

Mas, esta mãe está preocupada. Nós aconselhamos a levar o filho ao médico da especialidade. Sabemos que, para estes males, não há remédio da botica que os cure. Também viemos preocupados porque já tínhamos notado a falta de alegria com que ele nos recebia, mas não sabíamos o motivo.

Dizem que o único meio para atingir a perfeição é o amor. Será que vai ser assim? Pois que assim seja e ele fique realmente perfeito.

Foi também, por este tempo, que tivemos connosco o nosso Padre Telmo. Reunimo-nos com ele. Dissemos das nossas preocupações e tristezas. E também compartilhamos as nossas alegrias. Escutámos ainda os seus desabaços, os seus conselhos. E foram estes conselhos que nos deram e dão forças para prosseguir a nossa caminhada de bem servir os nossos irmãos que mais necessitam.

Pois que essa mãe, aflita com o amor do seu filho por outra, aceite este amor que ela tanto tem pelo seu filho.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

SETÚBAL

PRIMEIRA COMUNHÃO — Na celebração de Quinta-Feira Santa o Lava-pés, o Mandamento Novo e o sacerdócio foram enriquecidos com mais duas primeiras comunhões. O Mário Paulo e o Carlos Alberto comeram o Pão Vivo — Jesus Cristo — no mistério da Eucaristia.

Botaram roupa branca em sinal de pureza de consciência, deram os seus pés a lavar e estiveram muito concentrados. Foi uma alegria para toda a gente, sobretudo para os mais responsáveis e mais amigos de Deus!

BAPTISMOS — Em Domingo de Pascoela, na Missa foram baptizados dez rapazes dos 11 aos 15 anos.

«Páezinhos», Carlitos, Carlos Jarreta, Luís Alexandre, André Machado, Bráulio, Ângelo, Ibraim, Orlando e David.

A maior parte dos rapazes vêm para a Casa do Gaiato sem serem baptizados.

Depois de uma séria preparação catequética e de começarem a portar-se bem podem pedir o Baptismo e é-lhe dado este sacramento.

Todos arranjam padrinhos para eles. Interessam-se pelo seu estudo, comportamento; visitam-

RETALHOS DE VIDA

Marco Paulo

O meu nome: Marco Paulo de Sousa e Silva. Nasci em Cacia (Aveiro) em 10 de Fevereiro de 1988. Tenho, agora, treze anos.

Somos quatro irmãos. Três estão aqui comigo. Em Cacia, a Igreja, Conferência Vicentina e professoras... davam-nos de comer conforme podiam. E se não fosse esta gente amiga, passaríamos fome! Por lá, nós fugíamos à escola e dávamos trabalho a toda a gente...!

Aqui, estou muito bem, graças a Deus.

Sou refeitoreiro. Preparo a mesa das refeições e sirvo de comer às senhoras.

Quando for grande eu teria gosto de ser guardaredes do Futebol Clube do Porto.



Marco Paulo

ENCONTROS EM LISBOA

Imigração

DEPOIS de Janeiro começado, já fui seis vezes ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, sito na Rua de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa. Consegui entrar duas, duas outras desisti e as outras duas fui mandado embora mesmo à beira da entrada. Sobre uma das vezes que entrei já fiz o relato. Hoje vou contar a última vez, em semana de Abril, em que fiquei à porta.

Cheguei às 6,15 h. e notei algumas diferenças. Primeira: a bicha já era maior do que da outra vez. Não sei quantas pessoas estariam à minha frente porque não havia dos ditos papéis com um número. Lá me aconcheguei depois de indagar quem seria o último. Segunda diferença: Verifiquei que os cartões espalhados pelo chão não eram apenas uns incipientes dez metros, mas ultrapassavam os setenta. O bom Deus deu bom tempo e muita gente por ali dormiu. Uns estavam ainda deitados; outros enrolavam-se sobre os joelhos; outros faziam costas com costas, sentados no chão; outros espreguiçavam-se; outros já começavam a procurar cafés para comer alguma coisa e fazer as suas necessidades fisiológicas.

Às 9 h. quando os serviços abriram, notei nova diferença. Não havia só um polícia. Havia quatro, a criar ordem e a meter as pessoas bem na fila, dando um bom espaço de manobra até à entrada da porta. Abro um parêntesis para me perguntar se, agora, todas as vezes que há problema, se chamam logo mais reforços policiais. Aqui não são precisos polícias, seriam precisos era mais funcionários. Por este andar, e quando o pudor da dor e da doença deixar de existir ou a voz da revolta se sobrepuser, até nas longas salas de espera das consultas, nos hospitais, vamos ter polícias.

Atrás de mim continuo a ver chegar gente. Muitos abanavam a cabeça e partiam, outros agarravam-se a uma

réstia de esperança de serem atendidos. Desde as 11 h., até cerca das 14,15 h. o sol, por entre os prédios, aproveitou para, sem contemplações, aquecer todos os que se encontravam na fila sem arredar pé, para não perderem a vez. Notei mais uma diferença: durante aquela espera, uma senhora funcionária, de telemóvel em punho, passou umas três vezes a contar as cabeças. Abro mais um parêntesis: Com a prática acumulada não será possível fazer uma estimativa do número de pessoas que serão atendidas? Assim poderiam mandar embora as outras e não estarmos ali agarrados a nada.

Às 14,35 h. somos informados pela senhora funcionária de que a sala, no quarto andar, estava cheia e não sabia se poderia deixar entrar mais alguém até às 15 h. Fiz o que tinha a fazer. Decidi vir embora dado que a essa hora, à minha frente, havia 35 pessoas e, atrás de mim, mais umas cinquenta. Fui fazer três perguntas à senhora funcionária:

— Estou aqui desde manhã cedo, não poderei ter um papel a justificar a minha presença, para entregar no emprego?

— *Aqui não passamos esses papéis.*

— Não poderia dar-me uma senha, de modo que amanhã tivesse prioridade, uma vez que já hoje perdi um dia?

— *Aqui não trabalhamos com senhas.*

— Poderia falar com o senhor Director ou alguém responsável?

— *Só marcando através do telefone.*

Chegado a Casa, meio desanimado, peguei no telefone. De um número mandaram-me para outro. Finalmente disseram-me que a minha pretensão só poderia ser resolvida através da linha verde. Meia hora de chamadas sem conseguir entrar. No dia seguinte, uma hora com o mesmo resultado. Ao terceiro dia fui atendido pelo automático dizendo-me que a minha chamada estava em lista de espera. Fiquei colado ao auscultador 48 minutos e... fui atendido. Disse da minha dificuldade em tratar dos assuntos que tenho em mãos. Mandaram-me enviar um fax, o que farei já.

Estou a escrever isto com uma dor cá dentro. Gostaria de não ter razões para o fazer e que os que vêm até nós para ganhar o pão nosso de cada dia fossem atendidos com dignidade. Isto é indigno. Alguém na bicha falava em direitos humanos. Fiquei surpreendido porque parece que não há vontade de resolver o problema com um mínimo de humanidade.

Aproveito a ocasião para dar conta de uma «pérola burocrática» do Serviço de Estrangeiros. Há ano e meio recebi dois miúdos tendo-me sido comunicado que havia sido pedido um título de residência. A mãe não sabia onde estavam os talões. Apareceram em Janeiro. Verifiquei que o pedido era de 1998. Fui levantar o dito título e tinha caducado em Abril de 1999. Novo pedido e um mês depois fui levantar. Tinha caducado em Abril de 2000. Quando conseguir novamente entrar para pedir a renovação vai ser dado o título até Abril de 2001. Isto significa que mais uma vez ficará caducado antes de ser dado. Protestei. Disseram-me que era assim mesmo.

Estamos em Tempo Pascal. Do sepulcro saiu a esperança. Fala-se por aí que precisamos de imigrantes... Como os vamos receber, se nem sequer temos capacidade para criar estruturas a fim de tratar humanamente os que já se encontram entre nós? Não me conformo.

Padre Manuel Cristóvão

CANTINHO DAS SENHORAS

Depois de muitos anos a trabalhar na Obra da Rua e, agora, por falta de forças, um pouco retirada, não deixo de me interessar por tudo o que se passa.

Neste momento, gostaria de mandar uma saudação muito especial a todos os sacerdotes e senhoras que trabalham nas Casas do Gaiato em África. A guerra em Angola e a fome em Moçambique têm-lhes dado vida amarga. Naturalmente que todos poderiam ter uma vida tranquila e sossegada em Portugal. Quiseram estar no meio das gentes que sofrem, sofrendo com todos e procurando aliviar a dor onde é possível.

Parece que, sobretudo em Angola, os senhores que mandam nos destinos dos povos só têm como único objectivo a guerra. Ela mata vidas humanas; destrói haveres; não deixa que a terra seja cultivada a fim de dar de comer a quem tem fome; deixa muita gente deficiente e não deixa que as novas gerações possam aprender a ler e a escrever — a fim de poderem ter uma vida melhor.

Não sei o que seria possível fazer para que, os que mandam, parassem a guerra. Deveriam ir viver no meio de toda esta gente faminta e sem norte, deslocada de todos os lados, com as famílias desagregadas e perdidas cada um para seu lado. É preciso ver para se poder ter consciência de todo o drama que a guerra traz e que eles mandam fazer. É preciso

DOCTRINA



Dos Direitos da Criança

ELE foi sempre costume de portugueses dizer mal de Portugal, mesmo que lá fora se diga bem, como hoje sucede. Ainda há dias, num comboio, um grupo de portugueses chegados do estrangeiro, desancaram, prenderam, fizeram sangue. Nem o sol escapou! «Lá fora é que é!» Sim; é costume de portugueses.

O GAIATO, porém, portuguêsíssimo como é, não diz mal. Repara, denuncia, deseja, trabalha; sobretudo trabalha por uma Pátria melhor. Este periódico é cabeça de casal; defensor activo dos Direitos da Criança. Não dizemos mal; choramos, sim, o mal dos portugueses, neste caso particular. A sociedade deve pão e instrução aos filhos de ninguém que, por isso mesmo, são os nossos filhos. Que todos se venham aqui desobrigar, a começar pelos mais afortunados.

AS nossas Escolas que já hoje se apresentam de linhas airoas e elegantes, ainda são somente Escolas. Não se nota nem se sente a falta da cantina anexa, como parte integrante, dever de função. Antes, muito ao contrário, a nossa pobre gente admira, espanta-se, aponta o dedo e assinala a rara cantina escolar que aparece, como se fora um corvo branco! Instrução sem pão, não paga a dívida total. Se as pedras estão fora do seu lugar — onde a beleza mai-la segurança do edifício? Respeite-se o Direito da Criança: pão e instrução.

EU sei de muitas crianças rurais que não frequentam a Escola por não terem que comer nem que vestir. «A nossa mãe não faz caldo», dizia-me um pequenino dos caminhos, a quem perguntei porque não fora à aula. Estes são os analfabetos de amanhã que levam a vida inteira a pedir que lhes leiam a carta, o que já não é pequeno mal. Mas nas cidades, é muito pior. Ali, o que não for à Escola, além de ignorante, torna-se necessariamente um vadio. São os «perigosos» de amanhã.

NO processo ou ficha da criança em perigo moral que chega a ser chamada a inquirições, vem a pergunta da Escola e a resposta a dizer que não frequenta. Fica-se, em regra, satisfeito com o preencher do papel e manda-se avançar outra! Salvo melhor opinião, é outro mal. Melhor seria trabalharmos todos para que não avançassem mais crianças ou que o número fosse menor. Assim, sim. Estudar a origem do mal é medir a altura das coisas. Não sejamos superficiais!

NÃO vai à Escola por não ter pão. Por não ter pão se fez vadio. Por não ter pão se torna perigoso. E nós chamamos amanhã a contas, na barra dos tribunais, aqueles mesmos a quem não demos pão em pequeninos!

AI que se a cada um de nós fizesse doer a sorte e o destino da Criança da rua, teríamos seguramente um Portugal maior; nem é preciso, mas melhor. Não acabaríamos os indesejáveis, que eles são um mal necessário; mas acabaria a injustiça dos bons, que isso é um mal livre — o verdadeiro Mal. Ora aqui está onde eu quero chegar.

D. Amín. 5.1

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

ver que sofre quem nada tem a ver com a guerra: as crianças, as mulheres, os jovens e o povo trabalhador.

Continuarei a rezar. Que o Senhor traga a paz a todos esses homens e mulheres para que tenham uma vida digna e que o trabalho voluntário, gratuito, cheio de boa vontade de todos os nossos Padres e também de muitos missionários possa produzir os seus efeitos.

Assinante 6616

PENSAMENTO

Como o amor leva tão alto as coisas mais pequeninas!

PAI AMÉRICO

-nos, levam-nos de vez em quando a dar um passeio e dão-lhes prendas quando fazem anos. É bom ter um padrinho, também para os guiar na fé e os amparar na época dos trambolhões.

Os padrinhos tomaram conosco o pequeno-almoço e, depois, também almoçaram. Foi uma grande festa que começou no lugar próprio: na Capela — com a malta a cantar. Ao órgão esteve o Luís Filipe — o «Pipas» — e às violas o Sousa mais o senhor Zé.

FAVAS — Há um mês que comemos favas novas. Agora é a altura de aprovisionar. Descascam-se e congelam-se em quantidades calculadas para cada uma das refeições e guardam-se para o ano todo.

Normalmente, em nossa Casa come-se uma refeição de favas por semana.

Há muitos que não gostam de favas, quando chegam, mas, depois, aprendem a gostar. O gosto também se aprende. Gostar de peixe, gostar de carne, de queijo, de couves, de tomate e até de alface!... Os gostos também se exercitam. Assim se aprende a gostar de favas.

Os doentes comem-nas com peixe, temperadas com azeite. Os outros, normalmente, é com toucinho, chouriço vermelho e preto e farinha.

Dizem que a fava é um alimento muito rico.

Enquanto escrevo, estão três grupos a debulhar favas. É também uma tarefa ao alcance dos mais pequenos e serve-lhes de entretenimento e trabalho.

OBRAS — As obras na nossa Casa da Arrábida têm dado água pela barba.

É que o tempo não pára. Os dias e os meses seguem-se sem interrupção. O Verão está a chegar e as obras começam a atrasar-se.

Hoje é muito difícil a construção civil. Então quando uns dependem dos outros, e há falhas, fica tudo engatado.

Canalizações, esgotos e electricidade têm de seguir à frente dos estucadores, pintores e polidores.

Agora o ladrinhador veio dois dias e nunca mais voltou!... A gente fica a olhar prò infinito! Que fazer?... Senão arranjar outro?!... E onde está ele? — Vamos andando aos tropeções.

Repórter zero

Re(escrito)

*Todos vão
Aonde vão
Só eu não vou
Só eu fico
Entre quem és
E quem sou.*

*Mercador de ideias...
Inerte ao movimento
Não sou coisa
Não sou gente
Sou simplesmente
Divino passatempo.*

Delfim Moreno

Nota da quinzena

FOI há trinta e nove anos, em Angola, quando Padre Horácio e eu fomos tratar do estabelecimento da Obra da Rua lá e do lugar onde tal haveria de concretizar-se. Malanje foi a primeira opção. E afinal, na hora de irmos, ano e meio depois, seria também possível a presença da Obra em Benguela. Foi nessa vez que trouxemos connosco os primeiros angolanos que a Obra contou entre os seus rapazes e ouvimos da boca do alto Responsável que nos pediu a vinda deles este desabafo: «Eu não sou católico; mas olhando em

volta de mim a decadência cívica que se generaliza, não vejo outra Instituição em que confiar senão na Igreja». Poderia até ter dito Igrejas, porquanto de outras confissões cristãs havia trabalhos notáveis, como o do Quéssua, nosso vizinho em Malanje, que não foi poupado pela febre de uma cega auto-suficiência incapaz de afirmar-se nos quase vinte e seis anos de independência.

Ocorre-me esta recordação ao ler o resultado de uma análise apresentada pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, integrada numa

investigação da Fundação Europeia para o Estudo dos Valores — trabalho desenvolvido em Novembro de 1999. Quatro décadas após, este trabalho científico vem confirmar o sentimento daquele Responsável.

Assim — transcrevo da notícia a que me reporto — «a Igreja recebe um índice de confiança de 70 (num máximo de 100), seguida das Forças Armadas (61), ONU (59), Comunicação Social e Polícia (57, ambas), União Europeia (56) e Sistema Educativo (55). Com índice de confiança inferior a 50, estão os Sindicatos (embora com um significativo aumento em comparação com 1990), a Administração Pública (49), a Segurança Social (48), o Parlamento (47), o Serviço Nacional de Saúde (44) e, no fim da tabela, os Tribunais (41)».

Como cidadãos de uma sociedade que se pretende

organizada, pacífica e próspera, estes índices de credibilidade dão que pensar. E também como cristãos, o primeiro lugar atribuído à Igreja é um chamamento a uma responsabilidade que pertence a todos os seus membros e não apenas à Hierarquia; e à qual se corresponderá, por um empenhamento convicto e decidido no cultivar dos Valores da Verdade, da Justiça, da Fraternidade que são fundamento da Paz Social, aqui e agora, só ela capaz de dar ao Homem o sentido da vida, a alegria de viver e até de o preparar para uma saudável contemplação do seu destino metafísico.

E já agora, congratulo-me por haver uma Fundação Europeia para o Estudo dos Valores, que desconhecia; e me ajuda a pensar que, afinal, felizmente, os Valores estão menos desvalorizados do que supunha.

Padre Carlos

Festas

Tojal

A caravana está na estrada. Desde já muito obrigado a quem se deixar seduzir e nos queira receber nas terras por onde formos peregrinando.

Padre Manuel Cristóvão

6 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão Polivalente da Junta de Freguesia de ODIVELAS.

12 de Maio — Sábado, 15.30 h, Cine-Teatro de LOURES.

20 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão Paroquial de FORTE DA CASA.

27 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, LISBOA.

3 de Junho — Domingo, 15.30 h, Auditório da Igreja de RIO DE MOURO.

14 de Junho — Quinta-feira (Corpo de Deus), 21.30 h, Salão da Associação Recreativa de CASAINHOS.

Setúbal

O tema das nossas Festas, este ano, é simples: «A Casa do Gaiato uma escola de humanidade» — isto é uma permanente aprendizagem de valores humanos.

Na esteira do Padre Américo e na intuição divina das coisas humanas queremos desenvolver e demonstrar o seu pensamento conciso e lapidar de que o «segredo das obras Divinas é que sejam verdadeiramente humanas».

Com o avanço galopante da miséria moral que acarreta sempre a destruição das virtudes do homem, e o enfraquecimento da capacidade material levando-o muitas vezes à penúria, cresce a pressão sobre as Casas do Gaiato de pedidos para crianças desamparadas. É uma aflição!...

Como inverter esta avalanche?...

Não é com lamúrias de que os valores estão a desaparecer. Também não é só com denúncias!..., mas com um trabalho sério e persistente sobre os que são nossos e que o mundo atirou para o abismo. A mentira, o roubo, o palavrão nunca tiveram tanta força como nos tempos actuais. A inércia, a irresponsabilidade, a hipocrisia entram na cultura do povo sem Deus e estão aí a dar fatura de candidatos às Casas do Gaiato, os quais chegam despídos de humanidade.

Padre Acllio

5 de Maio — 21.30 h, Sociedade de Instrução Musical da QUINTA DO ANJO.

12 de Maio — 21.30 h, Grupo Popular Recreativo Cabanense, CABANAS.

19 de Maio — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Os Loureiros de PALMELA.

26 de Maio — 21.30 h, Sociedade Iucrível Almadense, ALMADA.

27 de Maio — 16 h, Centro Paroquial do MONTIJO.

2 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Perpetua Azeitonense, AZEITÃO.

16 de Julho — 21.30 h, Fórum Luísa Todi, SETÚBAL.

Continuação da página 1

recordar a sua passagem deste mundo para a Casa do Pai. Recordamo-la com afecto e gratidão por tudo quanto recebemos de Deus através da sua pessoa: Padres, senhoras, rapazes, homens e mulheres cristãs, que tantas vezes o escutaram nas Igrejas de Coimbra e em muitas outras deste País.

A sua terra natal, a Lentisqueira, do concelho de Mira, no próximo dia 6 de Maio vai prestar-lhe sentida homenagem, àquele que foi um discípulo fiel de Jesus Cristo e um grande amigo da sua terra. Em boa hora a Câmara Municipal de Mira e a Comunidade Cristã o fazem também ao erguer-lhe, em lugar de destaque, uma estátua e dar o seu nome a uma das ruas da sua terra.

Todos sabemos como o Padre Horácio era avesso a estas coisas. Mas elas têm de fazer-se por nossa causa. Por

Tribuna de Coimbra

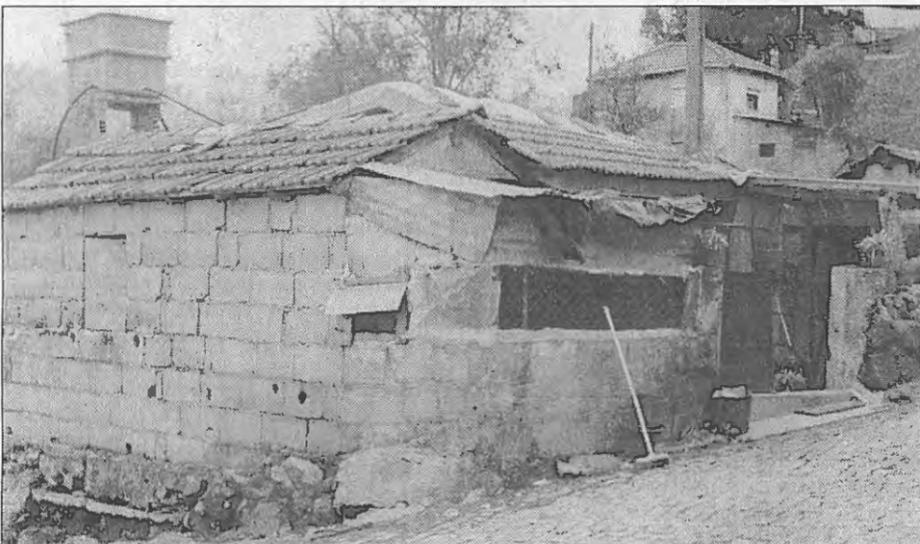
nós que ainda por cá andamos, tantas vezes, descuidados das nossas obrigações para com os mais desprotegidos da nossa sociedade. Só por isso!

Daqui damos os parabéns à Comunidade Cristã da Lentisqueira e à Câmara Municipal de Mira por não deixarem no esquecimento um dos filhos da sua terra que mais ilustraram pela vida a arte de bem-fazer. Nós também lá estaremos. Na tarde de sábado, os nossos rapazes com a sua juventude no desafio de futebol e à noite com a sua participação alegre na parte recreativa e cultural.

No Domingo, levaremos o nosso almoço de Casa. Iremos até à nossa casa da praia de Mira, lugar muito querido do Padre Horácio. Lá almoça-

remos. Depois viremos para a Lentisqueira onde, por volta das 15.30, participaremos na Eucaristia presidida pelo Senhor D. Manuel Pelino, Bispo de Santarém e sobrinho do nosso Padre Horácio. Participaremos, em seguida, nos actos constantes do programa da homenagem com alegria e gratidão. Adivinharemos a alegria celestial do Padre Horácio ao ver na sua terra, à sua volta, os filhos de Deus que ele sempre amou e, até ao fim, os Gaiatos. Agradeceremos à Lentisqueira o bom Amigo que não merecíamos, o Irmão que sempre nos acolheu e o Pai que muitos filhos deste Portugal nele encontraram.

Padre João



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Fogo ateado

CONDUZIDOS pelo Pastor da paróquia, fomos conhecer uma família a viver num conjunto de três pequenas dependências abarracadas.

Uma delas serve de cozinha e sala de jantar, enquanto as outras duas são os quartos de dormir do casal e seus filhos, quatro rapazes e duas meninas, com idades compreendidas entre os 3 e

os 15 anos.

O pai de família é o ganha-pão, enquanto a mãe cuida dos seis filhos e da vida de casa.

«Dantes, estava tudo coberto com chapas», fomos mostrando a esposa. Apesar das dificuldades, conseguiram ir melhorando o espaço que lhes serve de habitação.

As más condições em que vivem e o desejo de terem um ambiente que ajude os

filhos a crescerem melhor, levou-os a recorrer ao seu pároco, sabendo que o Património dos Pobres não deixaria morrer as suas esperanças.

É um fogo que se vai ateando de casa em casa, lançando no seio das famílias pobres o desejo de criarem os seus filhos em ambiente mais humano, e no coração dos que sentem os Outros como irmãos, uma oportunidade de irem saciando a sua fome e sede de justiça.

Queremos que, no próximo Inverno, não tenham já que passar as amarguras de ver a água da chuva a entrar pela casa dentro. Havemos todos nós de, com eles, construir uma cobertura nova para toda a área habitada, renovando depois os pequenos casebres de modo a obter uma habitação com as condições necessárias para esta numerosa família. Eles mesmos serão os construtores que nós secundaremos.

Neste tempo Pascal, queremos também cantar um

Aleluia em sinal de gratidão porque se vai iniciar a construção da casa daquela família que tanto inquietou muitos Amigos dos Pobres, e os levou a corresponder às suas necessidades.

O desespero invadira a família. Era a dificuldade em liquidar o custo do terreno que adquiriram e em viabilizá-lo para construção; era a doença que incapacitara o pai de família e consumia os poucos rendimen-

tos familiares. Mas, agora, o desespero deu lugar à esperança, à alegria de começarem uma vida nova.

Os primeiros materiais já chegaram. Os construtores estão a postos. Esperamos que na próxima Páscoa, o pároco que vem velando por esta família, possa já anunciar a Ressurreição do Senhor Jesus dentro das paredes do novo lar.

Padre Júlio